

DO PERFEITO MINISTRO DAS FINANÇAS

Dois homens de excepcionais qualidades: Turgot e Mousinho da Silveira

Para cima de 150 ministros das Finanças nos tem dado todo um século de vida constitucional. Este numero fatidico nos acudiu ontem á memoria, ao lermos, no livro de Necker 'L'Administration des Finances', as paginas eloquentes em que a acabrunhadora missão do chefe das finanças dum país vem traçada com rasgos de mestre. Diante de nós, no silencio da nossa casa de trabalho, desfilarão então as sombras de quantos, neste país e lá fóra, de si tinham deixado uma recordação duradoura na historia financeira. Do *magister Julianus*, mumia de genio envolta num capelo vermelho, a Ribot e a Mac-Kenna; de Jacques Coeur, o celebre criador da talha perpetua, de Enguerrand de Morigny, o ministro que torvos inimigos levaram á tortura e á forca, a Turgot e a M. de Villèle figure qu'on ne regarde pas avant de savoir qu'elle a un nom; de Joham Simhon, porteiro-mor de El-rei, Domingos Paes, tesoureiro de avidez lendaria; João Anes, talvez o primeiro Vedor da Fazenda, ao ultimo ministro das Finanças da monarchia, nem um, dos grandes vultos de financeiros que conhecemos, ficou no olvido. Todos vieram, para que de cada um colhessemos as virtudes que, na memoria dos homens, os tornaram imorredouros. E tracejamos então as linhas salientes do retrato ideal dum ministro das Finanças do nosso tempo, subjugado pela mais espantosa de quantas tarefas financeiras os seculos têm visto, curvado ao peso do Himalaia de cuidados e atribulações que representa a reconstituição da economia e da fazenda de qualquer dos países que a guerra venceu—que a guerra venceu-os á todos.

Demanda a tarefa, antes de mais nada, uma alta intelligencia e uma nítida visão das coisas economicas—uma larga preparação scientifica—visão que só o exacto conhecimento dos factos e a sua lucida apreciação podem dar, visão que só do prolongado contacto com todas as minucias da intensa vida economica de nossos dias pode resultar. O ministro das Finanças tem que ser, hoje mais do que nunca, um grande economista. Depois, um grande jurista—homem de direito, conhecedor de toda a engrenagem administrativa, de todo o esqueleto juridico da nossa sociedade. Inútil tentar uma obra sem isso. Temos á vista exemplos deploraveis, falencias completas, naufragios que seriam grotescos se não fossem profundamente tragicos. E' que o ministro das Finanças, se tem de ser um homem de vistas largas, tem de ser, no trabalho de todos os dias, sobretudo o homem de pormenor. E não o pode ser quem não tiver dirigido nesse sentido a formação do seu espirito, quem não conhecer com minucia as regras e o espirito do direito financeiro, quem não conhecer com profundidade as regras de todo o outro direito—seja publico ou privado.

Tem o ministro das Finanças de possuir um alto espirito de metodo, para que por uma sabia distribuição de todos os seus minutos, possa constantemente permanecer ao facto de tudo, ordenar tudo e reservar ainda horas tranquilas

ta, disse ele ao monarca quando este em 1774 o chamou, não quero aumentos de impostos, não quero empréstimos; só quero economias... Apresento-a V. M. a necessidade das economias, de que deve ser o primeiro a dar o exemplo. Suplico-vos que vos armeis com a vossa bondade contra a vossa bondade, que considereis donde vem o dinheiro que distribuis aos vossos cortezaos e que compareis a miseria daqueles a quem o arrancam, frequentemente, com as mais rigorosas execuções, com a opulencia dos que mais titulos têm á vossa liberalidade'. Pós-se á obra. Tomou-o a vertigem do trabalho nos meses que teve o poder nas mãos. Na sua ansia de construir, de perseguir abusos, de destronar rotinas, de combater actos de concussão, quasi não havia quem o acompanhasse. Achou-se sózinho a lutar contra todos: contra a côrte, contra a rainha, contra a magistratura, contra o rei por fim. O soberano queria ter a sua volta quem o estimasse. Turgot só lhe criava más vontades porque não permitia desgastamentos. Quis generalizar o imposto: toda a nobreza se levantou um grito unanime de revolta contra o ministro. Tantas foram as dificuldades, que teve de ficar a meio caminho. Quis restabelecer o equilibrio financeiro: depois viria a occasião das reformas profundas com que Turgot contava para desenvolver a riqueza publica e as forças contributivas do país. Não fez mais porque lhe não deram tempo para isso, mas no pouco que teve, fez a obra de um século. Em materia de economias, apesar da fraqueza do rei, foi gigantesco. Entendeu-se com os outros ministros. Suprimiu repartições, preparou todo um plano de reformas na casa real, atacou os privilegios da nobreza, cortou sem piedade nos gastos militares, suprimiu corpos de tropa, aboliu empregos sem conto, diminuiu a divida exigível, reduziu consideravelmente o *deficit*, atrouxe as anticipações. Tudo isto fez que contra ele se levantasse uma verdadeira coaligão de interesses feridos, de valdades amachucadas, de ressentimentos. O rei era incapaz de compreender os seus planos. Cedeu á onda. Afastou Turgot. Lavrou, então, a sua sentença de morte. A monarchia velha morreu pelas finanças.

Falemos agora de Mousinho. Era um doutrinario, mas não era um abstrato. Tinha uma illustração vastissima: era quasi um sabio. Seduzia-o o fundo das coisas, mas as formulas ócas e redundantes nunca o apaixonaram. Serviu a monarchia constitucional como podia ter servido o regime velho. «Quanto a mim servi com zelo nos tempos constitucionais, servirei com zelo nestes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa como do bem publico, governe quem governar». Só o interessava a reforma das instituições e dos costumes. A sua honestidade tornava-o intratavel. Tinha poucas simpatias por isso. Era um excêntrico, homem de modos extravagantes, com seu tanto de grotesco. Na turba, que uma

para as meditações fecundas, para pensar, elaborar e dirigir a execução dos vastos planos que a salvação nacional exige. Dos mais altos pensamentos deve saber, sem transição, baixar até aos cuidados pequenos de todos os dias. Que lhe sirva de estímulo o lembrar-se que tem, confiado ao seu valor, o maior trabalho e o mais fecundo que a intelligencia dum homem pode abranger e ambicionar.

Tem de ser um trabalhador que nada vença, que nada esmoreça, que diante de nenhuma fadiga se abata. Que o exemplo do seu esforço se imponha a todos. Deve trabalhar com raiva, com ansia, com furia. A' frente de todos o primeiro na dedicação pelo serviço publico. Colbert não raras vezes mal repossava quatro horas.

A ferocidade deve ser tambem um dos seus attributos essenciais. Não é preciso menos para defender o Tesouro dos importunos, dos devoradores, daqueles a quem certa caspa democratica faz supor um direito de propriedade sobre as rendas do Estado, que, sendo de todos, não são de ninguém. As qualidades de tato que se applicam aos pretendentes vulgares, não bastam para afastar estes. Fariam perder muito tempo e um ministro das Finanças não pode desperdiçar inutilmente os seus minutos. Por isso se fala em ferocidade.

Demais é indispensavel um grande espirito de economia, tão grande que contagie. Tem sido a qualidade saliente de muitos que venceram. O barão de Stael-Holstein na sua 'Notice sur Necker', conta que este tinha sabido tão bem inspirar a todos os que o rodeavam, o seu gosto pela economia que não havia empregado de finanças que não lhe viesse denunciar abusos, revelar desperdícios, descobrir despesas a cortar. Dejeamos ao nosso país ministros tais—ministros que no animo dos seus subordinados e dos seus colegas—destes principalmente—sabiam incutir tão elevados desejos.

Na distribuição dos lugares têm de ser de uma justiça inflexível. No ministerio das Finanças, o politico pouco tem que fazer. Ali é, momentaneamente, a occasião como esta, o lugar do tecnico. Tecnico que se rodeia de tecnicos e não de protegidos.

E por fim—a par do bom senso, da habilidade, do desinteresse, da mais inconcussa honestidade, de tantas outras qualidades que seria longo e ocioso enumerar—por fim, o mais profundo desprezo pela aura popular. «O ministro da Fazenda deve antes de tudo renunciar á popularidade, nunca a cortejando, tendo de ser muitas vezes avaro, outras tantas intransigente, e desagradando quasi sempre a todos pelo que faz e pelo que não faz». São palavras de Bastiat que, se não tóra a modestia do nosso nome, perfilhariamos inteiramente.

* * *

E já agora personalizemos o caso. Arranquemos ao passado vidas que por si digam mais que todas as palavras, vidas que sejam exemplos. Vamos para longe, para onde não possam chegar as paixões de nossos dias. A' paz da historia, tiremos Turgot e Mousinho da Silveira, tipos característicos de reformadores financeiros, almas entregues ao bem, espiritos de concepções elevadas, homens de pulso firme.

Turgot chegou ao poder levado mais pela fama de administrador intelligente e honesto que por uma adesão querida e reflectida do rei ás suas ideias e aos seus planos. Era um trabalhador terrivel, mas com qualquer coisa de selvagem na sua energia. Sabia que o seu poder seria efemero e quis fazer tudo muito depressa. «Não quero a bancarro-

enganadora miragem de liberdade arrastava, ninguém o entendia. Por ter sido impiedoso com todas as vaidades e com todas as podridões, mal chegou o tempo da fartura e do rega-fote foi ele tambem, por sua vez, afastado sem dó. Teve a sua hora de poder como a teve de desgraça. A primeira passou-a trabalhando honradamente, afincadamente, varrendo as ruínas do velho edificio economico e administrativo, traçando o plano do edificio novo; na segunda, recolheu-se orgulhosamente ao silencio. Esqueceram-no. Renegaram-no até. Honrarias nunca lhas deram: «Sai dos empregos por ser fiel á Carta e a Carta veio e eu fiquei pior que os infieis». Só os prosteros lhe não negaram justiça.

Se o homem é um instante, Mousinho quis aproveitar o seu. Com as suas rudes mãos de ditador, tentou modelar a democracia. Falhou nesse intento porque acreditou que o passado fosse uma sombra ou uma mentira. Mas á administração, á justiça e á fazenda deu bases novas. A questão financeira não era a mais importante então, mas todo o seu plano era um vasto projecto de economias. Tornava-se indispensavel poupar nos serviços, para cortar nos tributos. Não era o *deficit* que estrangulava a nação—era o imposto. «Não consista o governo que vivam das contribuições senão os homens necessarios». A questão das corporações religiosas foi para ele uma questão de fazenda apenas: a nação não pode manter, depois da reparação do Brasil, tão grande numero de pessoas que directa ou indirectamente vivam do trabalho alheio» (dec. 3 ab. 1832). Do desagrar dos tributos viria nova messe de rendimentos: aboliu as sizas para que o commercio interno ficasse livre e se desenvolvesse. «E' preciso buscar na economia, na ordem e na justiça supplementos...» «Na situação de Portugal parece-me que o grande principio de administração deixar trabalhar». Verdades que nem hoje todos entendem. Organizou os serviços para que deles proviesse um maximo de utilidade com um minimo de dispendio. Applicou estreitamente o principio da divisão do trabalho a toda a administração. Aboliu o Erario, criou, para imitar o modelo inglés, a lista civil, extinguiu a Junta dos Juros dos Reais Empréstimos, uniformizou todo o serviço da divida; na magistratura reformou impiedosamente; na administração adaptou Portugal aos moldes da revolução. Pode discordar-se da obra; não pode deixar de admirar-se o homem. A revolução liberal foi sua. E porque o foi, dela propria caiu victima. O seu testamento é pagina para fundas meditações. Muitos o deviam ler, que quem o escreveu á beira da morte conhecia bem a vida e sabia retratá-la a precito. «Desgraçadamente o mundo dos meus dias requeria gente que não tivesse fé em nada, para poder fingir que a tinha em tudo». Parece de hoje.

Nos Estados Unidos

E' de 24 milhões e meio o numero de cidadãos que podem exercer direitos politicos

WASHINGTON, 6.—Segundo o ultimo senso, o numero de votantes nos Estados Unidos e de 54.421.832, dos quais 27.661.680 pertencem ao sexo masculino e 26.759.952 ao feminino.

Dos homens, 2.7792.006 são negros, 61.229 indios, 53.411 japoneses, 4.979 chineses e 7.345 de outras raças de côr.

O senso das casas mostra que 54 o.º são arrendadas, 28 o.º, são livres sem encargos e 18 o.º hipotecadas. Na cidade de Nova-York, apenas uma residencia em cada oito é habitada pelo proprietario. (R.)